

BOWING #2 – JOGOS DE OBEDIÊNCIA

e

BOWING #3 – WORKSHOP/AUDIÇÃO

A propósito da apresentação pública resultante da semana de trabalho de Romeu Costa e Marta Carreira com os jovens participantes no Summer Bowing (31.7.21) e do workshop/audição (4.9.21), ambos na EB1 de S. Teotónio, uma reflexão acerca do coletivo, do indivíduo, da competição e da colaboração ou, por outras palavras, de jogos de poder.

Jogos de obediência são jogos de poder.

Todas as relações humanas são relações de poder.

Os jogos de poder jogam-se constantemente, em tudo na vida. Na escola, em casa, no trabalho, nas compras, no lazer. É na relação com os outros que nos posicionamos no mundo e essa posição que ocupamos varia, consoante o grupo em que nos inserimos. É um exercício dinâmico, a nossa posição de poder no mundo, variável e em constante construção, nos vários mundos que vamos habitando. Os jogos de poder jogam-se simultaneamente em vários planos e manifestam-se de várias formas, das mais assumidas às mais subtis.

Na sala luminosa, há um corpo coletivo que trabalha junto e que é mais do que a soma das partes. Nunca homogéneo. Raramente em uníssono.

Para construir esse corpo coletivo, é preciso: 1- saber as regras do jogo, convencionadas a priori; 2- aceitar as regras do jogo; 3- estar aberto aos outros e disposto a fazer coisas que não se faria por iniciativa própria; 4- ora seguir os outros ora liderar os outros e muitas vezes as duas coisas ao mesmo tempo, ser líder e ser seguidor; 5- dar-se na totalidade ou dar só parcialmente; 6-... (*preencher*)

O coletivo não se faz sem sacrifício individual. No exercício de construção do coletivo, é fundamental suspender até certo ponto o sentido crítico, para não estar constantemente a pensar “eu nunca faria isto, se não estivesse aqui”. Possivelmente faz-se coisas que não se quer fazer. Frequentemente passa-se limites do que é confortável, e talvez do que cada um considera aceitável. Mas haverá também a surpresa de encontrar novas potencialidades, caminhos. Pode-se descobrir que se consegue fazer coisas que nunca se seria capaz de fazer, se não se estivesse ali. Pode-se fazer coisas que nunca se faria sozinho. “Se queres ir depressa, vai sozinho. Se queres ir longe, vai acompanhado” é um meme popular na Internet, supostamente provérbio africano (De onde? África é um continente enorme e rico na sua diversidade), que serve os propósitos de ilustração do poder do coletivo. Fazer junto requer escuta e conjugação de movimentos, engrenagem conjunta. Os seus resultados podem não ser imediatos. Numa obra de arte, é difícil e trabalhoso conseguir essa afinação. Mas, quando se consegue, muitas vezes é um clímax incomparável.

Como construir o coletivo?

Como fazer o corpo comunitário?

Onde acaba o indivíduo e começa o coletivo?

Não há coletivo sem indivíduo e não há indivíduo sem coletivo.

O que podemos aprender uns com os outros? Estar com os outros é um exercício de humildade. Para ir com os outros, é preciso estar atento, ouvir, observar, abdicar, acomodar e aceitar que podemos nem sempre ter razão ou que as melhores ideias podem não ter origem em nós próprios.

Por um lado, para os tímidos, pode ser mais fácil diluírem-se no coletivo, pois facilmente passam despercebidos. Talvez descubram potencialidades que desconheciam. Por outro, pode-lhes ser complicado ter de fazer coisas que não fariam por iniciativa própria e se veem forçados a fazer, só porque têm de seguir o grupo. Os mais extrovertidos, por sua vez, podem sentir dificuldade e frustração, ao não terem o destaque individual que almejam. Por terem de esperar, refrear o seu impulso para apresentar e obedecer a direções dadas por terceiros. Mas também poderão descobrir o prazer de ser mais, de fazer parte de algo maior do que eles próprios.

Uns e outros são necessários, cada um trazendo as suas potencialidades e vulnerabilidades. Quem se sente mais confortável a obedecer, rejubilará num coro de corpos. Quem prefere ditar a ação, poderá servir de motor de avanço. Mas ninguém é só uma coisa. O mundo não se divide entre os que mandam e os que obedecem, pese embora a proliferação de discursos, ao longo dos tempos, que procuram naturalizar uma tal divisão como uma vocação natural e intrínseca das pessoas, desejável e essencial para o bom funcionamento da sociedade.

O que é que se ganha por fazer parte de um grupo?

De que é que se abdica, para pertencer?

Qual é o ponto em que deixa de ser benéfico obedecer e se torna perigoso?

O difícil equilíbrio de pertencer e fazer com os outros, sem perder o sentido de individualidade e originalidade do próprio.

Obediência e desobediência são duas faces da mesma moeda, nos jogos de poder.

Para fazer coisas juntos, é preciso obedecer, aceitar uma determinada ordem.

Hannah Arendt diz que a banalidade do mal é o motor do horror. Mostra como as pessoas de bem, exemplares membros da comunidade, se tornam criminosos massivos, quando, acriticamente, se limitam a cumprir ordens. Durante o regime nazi, foram as pessoas comuns, vulgares, que permitiram que o Holocausto acontecesse, por obedecerem. Estavam apenas a cumprir ordens.

No contexto nacional português, a célebre frase de Salazar, ditador fascista, “Se soubesses o que custa mandar, preferias obedecer toda a vida” também nos recorda como qualquer regime requer corpos dóceis, domesticados, obedientes. Não é diferente nos regimes totalitários de aspiração comunista ou em qualquer outro

regime que instrumentalize a noção de coletivo para, na realidade, servir o propósito de privilegiar e beneficiar uns poucos – aqueles que conseguiram chegar à posição de serem eles a mandar.

Mas também o sistema capitalista apresenta uma proposta totalizante, disfarçada sob o discurso da escolha individual. É uma das grandes contradições do capitalismo: ser um sistema que assenta na noção de indivíduo e da livre escolha, mas a individualidade de cada um só ser tolerada até certo ponto. O indivíduo é visto como a unidade básica e sagrada da organização social. Os seus interesses e direitos são, discursivamente, invioláveis. No entanto, o indivíduo só é valorizado enquanto tal na medida em que se insira numa determinada ordem e cumpra a função que lhe é atribuída. Todo o indivíduo que rompa, na sua individualidade, com a normatividade do meio em que se insere, com aquilo que é considerado normal e desejável numa sociedade, não será tolerado. A livre escolha também não é tão livre assim: trata-se mais da possibilidade de escolha de entre uma gama pré-definida de opções devidamente sancionadas. E resume-se, na maior parte das vezes, à possibilidade de escolher entre um e outro produto, num corredor de supermercado, possibilidade essa definida pelo dinheiro ou pelo cartão de crédito que cada um tem na carteira. Será o coletivo intrinsecamente submisso, instrumento disciplinador? Assumir isso seria ignorar toda a história das revoltas e da ação coletiva. A obediência é necessária para construir o coletivo, mas a obediência cega põe o próprio coletivo em risco. Na era da exaltação do individualismo, herdeira de uma tradição de pensamento Iluminista, o ato coletivo pode ser um ato de rebeldia. Subversivo.

Song Dance Dream é um jogo de charada (batizei-o assim, porque a certa altura eram estas as palavras que estavam em cena e achei a combinação inspiradora) em que o objetivo é ajudar o outro a chegar ao que nós já sabemos. Há palavras proibidas, que todos conhecem, exceto o adivinhador do jogo. Essas palavras não podem ser ditas e, através da perífrase, os jogadores têm de dar pistas para que o adivinhador chegue lá. Isto requer uma semântica comum. Requer também paciência. E requer um foco na atenção, a capacidade de nos pormos no lugar do outro, para tentar descortinar a lógica do seu pensamento. O que posso dizer para que ele perceba o que quero dizer? Que raciocínio posso seguir para perceber o que o outro me quer dizer? A beleza deste jogo é que só se ganha, quando o outro ganha. Não há vencedores nem vencidos. Há apenas o objetivo de todos conseguirem, em cooperação, atingir um objetivo.

Uma audição é um lugar de competição. Os lugares são escassos, a oferta é maior do que a procura, apenas poucos serão escolhidos e os outros ficarão excluídos. Por muito que se acredite na igualdade e na inclusão, o que está em marcha é um exercício de exclusão. O resultado será a inclusão de uns e a exclusão de outros. É dito aos participantes: “Não pensem que vos estou a avaliar, estou-vos só a conhecer”. Procura-se estabelecer um ambiente de descontração e cooperação. Tenta-se suavizar o ato, minimizar o desconforto que ele pode provocar a quem vai

ser observado, mas, por muito que não se queira exercer o poder do avaliador, a verdade é que a seleção caberá a quem tem o poder de escolher. E todos sabem que estão a ser avaliados. A sua imagem exterior, a qualidade dos seus movimentos, a técnica corporal. A capacidade de improvisação, de projeção de voz e dicção. Mas também está a ser examinada a capacidade de saber jogar. A capacidade de se inserir num grupo, de pertencer. De obedecer às ordens, de não querer sobressair. E, ao mesmo tempo, de ter imaginação e iniciativa. Ser capaz de criar, apropriar e transformar aquilo que é pedido. De saber sobressair em alguns momentos, tendo o cuidado de não se sobrepor aos outros, de não desrespeitar o coletivo: respeitando a ordem do todo.

Linha Reta é um exercício que implica uma relação com a ordem - de cada um (individual) e de todos (coletivo), uma vez mais. O que um faz, os outros repetem, mas é necessário ir avançando lado a lado, mantendo um alinhamento entre todos. Quem estabelece a ordem? Como a mantenho? Em que momento é legítimo ser disruptivo para com ela?

Quando destruimos uma certa ordem, estamos já a estabelecer uma outra. Sempre que penso na linha reta do exercício, lembro-me da linha turva dos Três Tristes Tigres.

“Linha Turva”, da banda Três Tristes Tigres, no álbum *Comum* (1998):

<https://www.youtube.com/watch?v=IHVbEGoESNc>

Linha de terra, linha de céu, onde o fio do horizonte se perdeu
Linha directa, linha recta, fio duma voz mais branca e fala incompleta
Se me queres inteira...
Linha curva, língua turva, hás-de vir buscar-me onde a noite não me esconde
Se me queres inteira... um bocado de cada vez
Se me queres... um bocado
Linha curva, língua turva, hás-de vir buscar-me onde a noite não me esconde

Se me queres inteira, leva só um bocado de cada vez

Post-scriptum:

No fim do dia, a Madalena pede-me um comentário sobre o que observei, a escolha de participantes. Quem gostaria eu que fosse escolhida? Difícil emitir um juízo, vontade de dizer: todas. Opto aqui por assumir que as pessoas com quem me identifiquei mais, pela sua trajetória, discurso e atitude são, inevitavelmente, aquelas com quem gostaria de continuar este diálogo, assumindo também a falta de rigor de um tal julgamento, do ponto de vista dos interesses do espetáculo. Passei o dia na qualidade de participante, exceto nas conversas/entrevistas, e não coloquei a minha

atenção na avaliação de desempenho dos outros (estou na confortável posição de poder abdicar dessa difícil análise).

Andreia, mãe “a solo”, que abandonou a vida na cidade, acreditando que as periferias são também centros de alguma coisa. Que já foi bailarina, produtora, figurinista e que é guardiã da (T)terra, ambientalista e sonhadora.

Bárbara, que abandonou a dança clássica, por sofrer com o que sente ser uma prisão. Que, ao entregar o corpo aos desafios do workshop, percebeu que a dança pode ser liberdade também e que nunca devia ter parado de dançar. E que disse “Se não és parte da solução, és parte do problema.”

Thaís, artista de circo catalã, corpo ágil e robusto, olhar inteligente, que teve de fazer 1200 kms para vir ter connosco. Que teve a coragem de dar uma resposta honesta e inesperada à pergunta “Como te sentes depois do dia de hoje?” (“Confusa”, disse), arriscando causar má impressão.

Não posso deixar de pensar na questão da sustentabilidade local: faz-me sentido que as pessoas que habitam aqui sejam também escolhidas.

E não pude deixar de reparar que apenas duas pessoas responderam que tudo é política. Isso é significativo, pois denota uma confusão entre política e política partidária. Quando se fala em política, as pessoas pensam em partidos políticos. Mas a raiz da palavra “política” são as coisas da *Pólis*, aquilo que diz respeito a todos os que vivem no Estado. Portanto, sim, tudo é política. E toda a arte é política, mesmo a que afirma não o ser. Aliás, afirmar que determinado ato não é político é já um ato de política.

Catarina Barata

10.9.2021